

A Verdadeira Prevalência da Hipertensão Resistente

True Prevalence of Resistant Hypertension

Andréa Rodrigues Sabbatini¹; Vanessa Fontana¹ e Heitor Moreno Jr².

Laboratório de Farmacologia Cardiovascular, Departamento de Farmacologia, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas¹; Ambulatório de Hipertensão Resistente, Departamento de Medicina Interna, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas², SP – Brasil

Prezado Editor,

A real prevalência de hipertensão resistente (HR) é desconhecida, ao menos em parte, porque sua definição não é universalmente aceita. Nós lemos, com grande interesse, o artigo publicado por Massier e cols.¹, demonstrando que a frequência de pacientes com HR verdadeira é mais baixa (3,0-4,5% da população geral de hipertensos) no atendimento clínico quando comparada com a prevalência de 14,5% estimada com base em

dados do Spanish ABPM Registry². A nosso ver, esta última estimativa não leva em conta dados relacionados a hipertensão não controlada por tratamento não otimizado e falta de aderência, por exemplo. Assim, a prevalência de HR observada por Massier e cols.¹ é, provavelmente, muito mais próxima da real, tendo-se em vista que alguns erros em virtude de inconsistências na definição dessa condição, falta de critérios rígidos e ausência de controle da qualidade de dados foram corretamente abordados.

Palavras-chave

Hipertensão; Prevalência; Adesão à Medicação.

Correspondência: Heitor Moreno-Júnior •

Rua Jasmin, 850, Apto. 33, Primavera. CEP 13087-460, Campinas, SP – Brasil
E-mail: hmoreno@cardiol.br, hmoreno@uol.com.br
Artigo recebido em 24/07/12; revisado em 24/07/12; aceito em 23/08/12.

Referências

1. Massier D, Oliveira AC, Steinhorst AM, Gus M, Ascoli AM, Goncalves SC, et al. Prevalence of resistant hypertension in non-elderly adults: prospective study in a clinical setting. *Arq Bras Cardiol.* 2012;99(1):630-5.
2. de la Sierra A, Banegas JR, Oliveras A, Gorostidi M, Segura J, de la Cruz JJ, et al. Clinical differences between resistant hypertensives and patients treated and controlled with three or less drugs. *J Hypertens.* 2012;30(6):1211-6.

Carta-resposta

Agradecemos o interesse dos colegas em nosso trabalho¹. Conhecer-se a real frequência de doenças é indispensável para o planejamento de cuidados e alocação de recursos. Por vezes, estimativas são artificialmente aumentadas em virtude de vieses de seleção. É o que se configura no presente caso, a prevalência de hipertensão resistente. Concordo com os colegas quanto ao entendimento de que essa prevalência está superestimada. Definição de diagnóstico e bases amostrais não representativas

contribuem para isso, mas cabe destacar que muitos pacientes estão nessa condição por insuficiente adesão ao tratamento. Em termos pragmáticos, pacientes com pressão elevada porque não tomam medicamentos estão sob risco similar aos que tomam e não têm adequada resposta. Para os primeiros cabe empregar todas as técnicas e energias para convencê-los a tomar os medicamentos, deixando para os segundos, bem menos frequentes, o emprego de métodos diagnósticos e terapêuticos avançados.

Atenciosamente,

Flávio Danni Fuchs, Daniela Massierer, Ana Claudia Tonelli de Oliveira, Ana Maria Steinhorst, Miguel Gus, Aline Maria Ascoli, Sandro Cadaval Gonçalves, Leila Beltrami Moreira, Vicente Correia Jr, Gerson Nunes, Sandra Costa Fuchs.

Referência

1. Massierer D, Oliveira AC, Steinhorst AM, Gus M, Ascoli AM, Goncalves SC, et al. Prevalence of resistant hypertension in non-elderly adults: prospective study in a clinical setting. *Arq Bras Cardiol.* 2012;99(1):630-5.